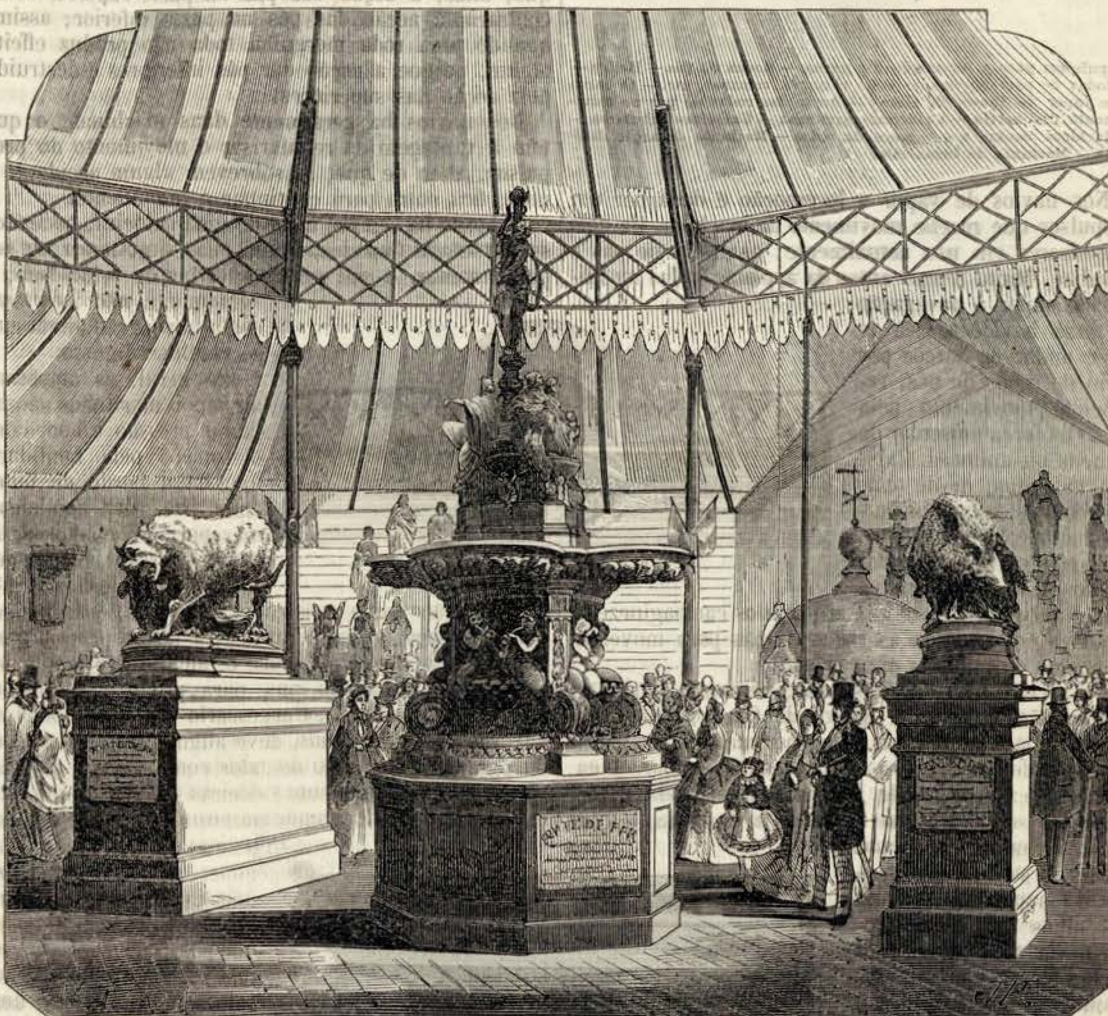


Palacio de cristal portuense — Circo

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Conclusão. Vid. pag. 277)

X

CIRCO

Este esbelto edificio, construido inteiramente de ferro em Inglaterra, levanta-se do lado de léste e a pouca distancia do palacio de cristal. Tem doze faces, e n'ellas quatro corpos como vestibulos, que resaltam um pouco para fóra, correspondendo aos quatro pontos cardeaes, tendo cada um d'esses vestibulos tres portas de entrada. Recebe a luz e ventilação pela cúpula.

Como ao tempo da exposição ainda não se tivessem começado os camarotes, palanques e mais obra de madeira, o circo apresentava a vista de um grande e bello salão, lindamente pintado de côres alegres, e allumiado por abundante luz.

A gravura que acompanha este artigo, a qual foi copiada de uma photographia, mostra a perspectiva que se desfructava da porta de entrada principal do mesmo circo, que era a que communicava com a galeria, por onde se passava a coberto do rigor do tempo para os dois grandes armazens annexos ao palacio de cristal.

Os tres objectos de arte que mais avultam em a nossa gravura erguiam-se no meio do circo. Era uma fonte para adorno de jardim, e dois grupos de animaes, tudo de ferro fundido, mas imitando bronze. Da elegancia da fonte, e até dos variadissimos relêvos que a decoravam, póde-se bem ajuizar pela mesma gravura. Não assim dos dois grupos, por serem vistos de escorço. Um compunha-se de um javali luctando com um cão, e o outro de um lobo tambem em lucta com um cão. De proporções naturaes, ou um pouco maior que o natural, ambos os grupos tinham muita belleza pela excellencia do desenho e da fundição.

N'este genero de trabalho admirava-se no circo uma collecção mui copiosa e variada de estatuas religiosas e profanas, de diversa grandeza, bustos, vasos, candelabros, altares, gradarias, etc., etc., de ferro fundido e modelado. Tudo isto, bem como a fonte e os dois grupos de animaes, era obra de duas acreditadas fundições de Paris, dos srs. *Barbezat & C.*ᵉ e *Antoine Durenne.*

A par d'estes objectos, exhibiu a industria franceza muita diversidade de productos fabricados de ferro e zinco, entre os quaes notámos machinas de fazer gêlo, por preços muito razoaveis. A fabrica de *L. Sautter & C.*ᵉ, de Paris, apresentou um pharol gi-

rante de quarta ordem, e a sua lanterna; fogo de porto, e seu candelabro; pharoes para navios; e grandes objectivas para photographia.

O pharol girante vê se representado em nossa gravura, por detraz do grupo do javali e do cão, sob a fórma de uma cúpula. Foram feitos n'esta fabrica, por encommenda do governo portuguez, os tres excellentes pharoes de segunda, terceira e quarta ordem, que actualmente funccionam sobre o cabo Mondego, á entrada do porto de Setubal e na ilha de Moçambique.

Havia no circo uma grande exposição de productos de caoutchouc de industria franceza e prussiana. Consistia em casacos, calças, polainas, chapéos, saccos de viagem, bacias de viagem, tapetes, almofadas, bolsas para tabaco, estrados, baldes, correias, rodelas, bolas e outros brinquedos para criança, cintos, salva-vidas, anneis, funis, etc. etc.

A Hespanha alli ostentou os seus chocolates, e a maioria das nações que concorreram a este certamen ahi levaram grande cópia de bebidas alcoolicas ou fermentadas, conservas alimenticias, productos chimicos, etc.

Trezentos e dezenove expositores portuguezes de bebidas alcoolicas, pela maior parte vinhos, alli foram comprovar com uma variadissima collecção dos seus productos a riqueza que Portugal possue n'este ramo da sua agricultura; riqueza que duplicará de valor, certamente, sem embargo do flagello que sobre elle peza, quando os nossos agricultores, em geral, tiverem attingido os progressos que se notam na França, onde a arte, supprindo as deficiencias da natureza, tem conseguido tornar valiosos os seus vinhos, que sem muito artificio seriam de bem pouco valor.

A industria vinicola do Douro achava-se bem representada pelo avultado numero dos expositores, e pela qualidade de muitos dos productos expostos. Havia entre estes verdadeiras preciosidades. O sr. *Antonio Bernardo Ferreira*, do Porto, um dos maiores lavradores de vinhos do Douro, tinha exposta a sua copiosa collecção de vinhos em dois grandes armarios, feitos expressamente para esse fim, e que muito acreditavam o sr. *Gaspar Gomes dos Anjos*, que os delineou, e o sr. *Pedro de Alcantara Knotz*, que os executou. São de obra de talha relevada e vasada, representando ramagens de vides guarnecidas de cachos, e tendo por corôa a figura do rio Douro.

De todo o nosso paiz alli concorreram tambem numerosos expositores, com os seguintes productos: cereaes; legumes; frutas sêccas, passadas, cobertas e em compota; mel e colmeias; manteiga; queijos; presuntos e carne de porco ensaccada; bolacha, biscoito; doces; chocolate; massas; azeite e outros oleos; cera em bruto e em velas; tabaco e suas diversas preparações; sabão e plantas forraginosas; gommas de differentes qualidades; carvão vegetal, cortiças, madeiras e outros productos florestaes; seda em meadas, casulos e sirgo; linhos do reino, de Riga e moirisco; algodão em rama; lã em rama; productos chimicos e pharmaceuticos; solos e sub-solos; guano chimico de peixe, etc.

Mencionaremos d'entre os expositores de madeiras o sr. *João Nepomuceno Rebello Valente*, de Oliveira de Azemeis; e d'entre os de outros productos florestaes a *administração das mattas do reino*: o primeiro por ter apresentado cento e dez amostras de madeiras do paiz; a segunda pela sua excellente e mui curiosa collecção dos productos das mattas nacionaes, a qual constava de amostras de diversas madeiras que se contém nas referidas florestas; gommas, achas resinosas e seus preparados; amostras de madeiras injectadas; amostras das plantas mattagosas e outras, empregadas na fixação das dunas, e que se criam nas ditas mattas; carvão de diversas especies mattagosas, etc.

Porém no que mais se enlevavam os olhos dos visitantes, e o que mais concorria para a linda perspectiva que o circo offerecia, era a exposição dos productos coloniaes de França e de Portugal. Não sómente alli se viam numerosos objectos que excitavam a curiosidade, mas, além d'isso, o modo por que estavam collocados e dispostos em torno do circo, servindo de ornato a grande parte das suas paredes, produzia bello effeito.

Não obstante a muita extensão que presentemente tem as colonias francezas, e a sua situação em mui differentes regiões do globo; apesar, sobre tudo, da excellente administração que as rege, e do estado de desenvolvimento e florescencia em que, mais ou menos, todas se acham, as nossas possessões d'além-mar apresentaram uma exposição maior e mais brilhante que a d'aquellas. Até aos que melhor conhecem as riquezas naturaes das nossas provincias ultramarinas maravilhava, attento o seu estado de atrazamento, aquella riquissima collecção de productos naturaes e industriaes.

As possessões francezas que alli estavam representadas eram: *Argelia*, *Senegal*, *Gabon*, *Mayote*, e *Nossi-Bé e Reunião*, na Africa; *S. Pedro de Miquelon*, *Martinica*, *Guadalupe* e *Guyana*, na America; *estabelecimentos na India e Cochinchina; ilhas Marquezas*, *Taïti* e *Caledonia*, na Oceania.

Os productos consistiam em muita diversidade de madeiras, plantas texteis, plantas medicinaes, gommas, resinas, materias tanninicas, especiaria, assucares, feculas, cafés, cacaus, tabacos, sedas, cera, carnes, dentes, chifres, ossos, pelles, pennas e outros despojos de animaes; productos de pesca; mineraes, e uma bonita collecção de ethnographia (tudo o que diz respeito aos usos e costumes dos differentes povos).

As possessões portuguezas eram: as *provincias de Cabo Verde*, *S. Thomé e Principe*, *Angola e Benguela*, na Africa Occidental; *Moçambique*, na Africa Oriental; *Estados da India*, na Asia; e a *provincia de Timor*, na Oceania.

Vamos especificar os principaes productos que expozeram estas longinquas provincias da monarchia portugueza, porque nos parece curiosa essa relação.

Trigo, milho, muitas variedades de arroz e de feijão, ervilhas, grão de bico, mendobim, lentilhas e outros legumes; muita diversidade de frutas indigenas; canna de assucar, café, cacau, canella, pimenta, gergelim, gengibre, noz moscada, mostarda, mirabolanos, musgo, senne, tamarindos, nitro cristallisado, sulphato de soda cristallisado, e diversas outras plantas e drogas medicinaes; gomma de mandioca, farinha de mandioca, sagú, tapioca e outras farinhas; assucar, vinho de canna de assucar, aguardente da mesma planta, dita de palmeira, de cajú, de maurá, de ananaz, de cajurí e de maçã; espirito de laranja, de aniz e de judeu; licor de amendoa; vinagre de jambolau e de sura; sal, sal amargo, salitre, resina mutafo, gomma resina becilar, gomma elastica (caoutchouc), gommas copal ordinaria, amarella e de cajueiro; incenso e ambar; oleos de coco, de gergelim, de kest, de castanha de cajú, de jacaré, de palma, de umpeque, de iza quente, de purgueira, de semente de palma christi, de caroço de demdem, de peixe-gata, de figados de peixe vermelho, etc.; tabaco, urzella, cera, sabão vegetal (rintó), cebo vegetal (brindão); algodão, anil, colla; lã de bombardeira, lã de palmeira; muita quantidade de sementes e raizes; argilas, gesso, ocre roxo, ocre amarello, gesso em pedra, em pó e em laminas; pedras plasticas; petroleo; minerio de enxofre, de ferro, de cobre, de ferro magnetico, de carbonato de ferro; malachites; ferro em barra, oiro em pó; coral, perolas e aljofres; productos volcanicos; pontas de veado, de bufalo, de rhinoceronte e de outros ruminantes; dentes de elephante e de cavallo ma-

rinho; pelles de tigre, de gato bravo, de lontra e de outros animaes; madeiras; fios e cordas de muitas especies de vegetaes; vellos de lã preta e branca; linho canhamo; tecidos de algodão (pannos, sarja, cotim, grossaria, cobertores e colchas, cobertas estampadas, panno Saddy); tecidos de algodão e seda, de algodão e lã; atoalhados estampados e guardanapos; panno feito de entrecasca de arvore; chapéos de palha; esteiras umbusulizas, lavradas, pintadas, de pita, de quenguia, de quibue, etc; balaios ou açafates de palha; bordados; braceletes, camafeus, diversos artefactos de oiro, prata e cobre; imagens santas, etc.

Apresentaram amostras de madeiras, os estados da India trinta e duas especies differentes; a ilha de S. Thomé cincoenta e uma; Angola quarenta e nove; Moçambique onze; e Timor dez.

Concluiremos esta longa serie de artigos, insistindo na idéa que manifestámos ao principial-a, isto é, que a exposição internacional portugueza, apesar das deficiencias que n'ella se notavam, e mau grado de tudo quanto se tem dito e escripto em seu desfavor, foi gloriosa para os seus auctores pelas innumeraveis difficuldades com que arcaram, e proveitosa para o paiz pela lição que offereceu a muitas das nossas industrias, e pela consideração que um tal commettimento forçosamente ha de ter dado ao nosso paiz entre as nações estranhas. E deu, sem dúvida, porque essas nações não mediram a alteza do commettimento pelas proporções e sumptuosidade do edificio, nem pelo esplendor e magnificencia da exposição, mas sim em relação á pequenez do nosso territorio, e relativamente á exiguidade dos recursos de que dispomos, e ao atrazo em que nos lançaram immerecidos infortunios e as luctas da liberdade. O que aos seus olhos mais terá avultado, nobilitando-nos, é, certamente, o arrojo do pensamento e a grandeza do esforço, que representam e se resumem no amor do progresso.

I. DE VILHENA BARBOSA.

---

## RECORDAÇÕES DO MINHO

### FESTAS POPULARES

O NATAL — AS JANEIRAS — OS REIS

O anniversario do nascimento do Messias, que toda a christandade celebra, é para os habitantes do Minho a festa mais querida, mais alegre e mais tocante do anno.

É no dia 24, designado por excellencia a *vespera de festa*, que se desenha a feição principal e mais alegre das festas do Natal — a consoada. Em a noite de 24 para 25 o povo do Minho, aliás o mais amante da propriedade das palavras, e observador rigoroso dos preceitos da egreja, teima em chamar *consoada* a um lauto festim que, segundo os preceitos de Roma, não devêra passar da *parva cœnula* de Marcial. Não lhe queiramos mal por isso. Cilicios e jejuns não se inventaram para os que trabalham.

Ao anoitecer já o madeiro, ha muito piedosamente guardado para aquelle dia, arde no lar, onde conservará o fogo, alimentado pelas vestaes da familia, até ao dia de Reis. A parte que as chammas não consumiram é tirada do lar n'esse dia, e posta a bom recado para só voltar ao lume durante as trovoadas, de cujos perigos se acredita ser o melhor preservativo. O *eripuit cœlo fulmen*, applicado a Franklin, seria julgado uma blasphemia pelos bons camponezes do Minho, crentes no singular pára-raios desconhecido da physica. Como, porém, tudo tem as suas compensações, esta invenção, se não possue a virtude real da do illustre cidadão de Boston, leva lhe a vantagem, grande nas provincias do Norte, de afugentar o frio das longas e gélidas noites de dezembro. Em frente do lar, a mesa, coberta com a fina e alva toalha de Guimarães, verga, pela falta de costume, sob o peso dos manjares, a cujo appetitoso aspecto as crianças saltam, batendo as mãos de contentes, em quanto a lavradeira, já preparada com os vestidos domingueiros para a missa do gallo, dá a ultima demão culinaria ás filhós e aos mexidos, indigenas do Minho, e peculiares da noite de Natal.

É a hora da ceia. Todos os convivas occupam os seus logares em roda da mesa, onde o indispensavel bacalhão, cozinhado de varios modos, e os classicos mexidos, fumam, ladeados por enormes pratos acugulados de loiras rabanas e filhós.

As torres d'estas aureas frituras, em breve derrocadas pelas frequentes investidas dos sitiantes, vão desapparecendo com rapidez no meio da conversação, animada pelas repetidas libações do vinho de enforcado.

Qualquer, vendo que o centro de todo o systema culinario d'aquella noite está representado pelo peixe popular de que a Terra-Nova fornece os nossos mercados, julgará estar assistindo a uma ceia puramente aldeã. Não é, porém, assim. No Minho, desde o mais rico habitante da cidade até ao pobre camponez que janta um magro caldo e um bocado de brôa junto da sua enxada, todos comem bacalhão n'aquella noite. É essencial, é da festa; e sabe Deus quantos passam grandes privações para o obter!

O quadro simples, porém magestoso, que em a noite da consoada se reproduz em todas as moradas do Minho, mesmo cá de longe observado, derrama alegria na alma. Não o allumiam lustres, nem salões o contém; allumia-o o fogo do lar, ante o qual desapparecem n'essa noite, como as sombras d'ella, as inimizades mais velhas e teimosas; contém-n'o muitas vezes uma pobre cabana, onde não cabem sumptuosidades, mas onde ha logar bastante para esse amplexo verdadeiramente christão, que reune todos os membros da familia em volta do seu chefe. D'elles não faltam n'esta reunião amiga senão os que a morte levou, ou os que, pelas tendencias emigradoras d'aquella provincia, estão gemendo saudades nas terras d'além-mar. Os demais, seja qual for a distancia que os separe, todos correm a congregar-se aos seus, no logar onde nasceram.

Querem os naturaes do Minho tanto a estes annuaes regozijos, que, se conhecem a nostalgia, tenho para mim que nenhuma outra saudade sería tão geradora da terrivel molestia como a dos ausentes n'aquella noite festiva.

Terminada a ceia, e forrados os convivas contra o frio do caminho com o espumoso vinho quente, partem para a missa do gallo.

Nas aldeias, onde se conservam arraigadas ainda muitas superstições, não se levanta a mesa; porque se acredita que os mortos vem, depois dos vivos, tomar parte no banquete. Posto que material e filha da ignorancia, é formosa esta expressão de saudade pelos que foram.

Um dia ha de vir, e bom será, em que a verdade triumphe por toda a parte d'estas abusões; mas o peior é que o prazer de as vermos ir desapparecendo se misturará então com o desgosto de vermos tambem ir fugindo das aldeias a poesia nativa d'ellas, innocente, simples e amavel como a filha dos campos, que não usa espartilho nem perfuma as loiras tranças senão de boninas.

Esta verdade já entre nós se experimenta. De muitos pontos por onde a civilisação vae, com o silvo do caminho de ferro, dando surriada a muitas costumeiras supersticiosas, e pondo-as em fuga, já vae tambem fugindo, com as candidas azas, crestadas pela chamma da locomotiva, a poesia das nossas aldeias.

Aquella, que ainda vive fresca e pura lá pelo Minho, ha de ter a sorte da sua alegre avó da Provença: hão de matal-a os progressos do seculo XIX, como os albigenses do seculo XIII mataram a outra.

Mas para onde me ia levando a digressão! Tornemos ás festas do Natal.

No dia seguinte, se não mente o velho proverbio que diz:

Por Natal ao jogo
e por Paschoa ao fogo,

se o sol despido dos mantos gélidos do inverno apparece risonho e alegre, são encantadoras as scenas que allumia no terreiro da aldeia.

As raparigas e os muchachos, ostentando os seus trajos elegantes e pittorescos, cantam formosos versos em louvor de Jesus recem-nascido, e tripudiam ao ar livre, e ao som da classica viola e do estridulo clarinete, nas alegres e turbulentas chulas, que são os bailes do povo campesino, e que o fortalecem para o trabalho. Em algumas terras, Braga, por exemplo, grande numero de crianças, representando pastores, fazem uma novena, durante a qual levam várias offertas ao Menino. Chama-se da *Calhandrinha* esta novena, talvez por ser a cotovia a ave que primeiro saúda o sol ao nascer, e sobe, e sobe alteando sempre o festivo canto. Como ella, cada uma das criancinhas que vão ao templo saúda, cantando uma aurora tambem. É a da Redempção.

Seguem-se a estas festas as do primeiro do anno, que são consideradas como continuação da do Natal, apesar de que, no Minho, o trajo christão do dia de anno bom deixa rever por baixo a toga gentilica de Roma. Os presentes, que em algumas terras ainda se fazem n'esse dia ás pessoas de maior amizade, recordam os que os romanos em dia egual faziam, e a que chamavam *strena*, e as Janeiras, que os rapazes, e mesmo os adultos, cantam pelas portas dos amigos e das pessoas principaes da terra, são á uma inspirações christãs e reminiscencias do paganismo. Abrem os cantores a serenata com quadras relativas ao nascimento de Christo, e fecham-n'a com outras em que desejam felicidade e annos melhorados aos donos da casa, e em que pedem as *Janeiras*, que sempre se lhes dão.

No dia de Reis repetem-se as mesmas serenatas, com a unica differença de ser a adoração dos Magos o assumpto das canções, que tambem terminam, como as do primeiro do anno, por pedir alguma coisa. Não acceitam, porém, dinheiro os trovadores, e até me lembro de ter ouvido uma d'essas cantigas que terminava por esta quadra:

Nós que somos gente nobre,
Não acceitámos dinheiro,
Senão gallos e capões,
Entrecostos de fumeiro.

Versos portuguezes de lei, cheios de sentimento, por vezes de philosophia, e polvilhados sempre de inoffensivos chistes, são os inspirados todos os annos por estas festas. Não se sabe quem seja o poeta que os produziu, nem d'onde vieram. Cantam-n'os os rapazes, repete-os o povo, ficam na memoria de todos, mas a origem permanece occulta. São como o aroma que a flor dos campos deixa perceber, escondendo as côres por entre as balsas e por debaixo da relva dos prados.

Criei-me á sombra dos arvoredos, pelas montanhas e pelos campos deliciosos da provincia do Minho. Fui testimunha d'estas festas. Agora, longe d'ella, a monotona indifferença da capital e a minha saudade incitaram-me a descrevel-as. É descolorido o esboço, bem o sei; todavia, creio que fará conhecer esses costumes que a religião abençoa e a poesia perfuma, e pelos quaes todos os annos se restabelecem ou estreitam os vinculos de paz, de harmonia e de amizade no seio das familias.

FERRAZ JUNIOR.

## ESCORPIÃO DA GUYANA

O escorpião, em o nosso paiz mais vulgarmente chamado *lacrau*, pertence ao genero dos crustaceos pulmonares *(arachnides)* da familia dos *pedipalpos*. Tem o corpo oblongo e com diversas divisões, terminando em uma cauda comprida, delgada e composta de seis articulações ou nós, o ultimo dos quaes é prolongado, revirado para cima e ponteagudo, servindo-lhe de aguilhão. Cercam-lhe o corpo quatro pares de pernas, eguaes, e um como par de braços, dotado de grande mobilidade, e guarnecido de garras, a modo de tesoiras, taes quaes vemos nos caranguejos.

O escorpião habita nos paizes quentes do velho e novo mundo; mas tambem vive, posto que em menor numero, no sul da França, na Hespanha e em Portugal.

São viviparos estes animaes: nutrem-se de vermes e de insectos, e são tão vorazes que chegam a devorarem-se uns aos outros.

Apesar da natureza os ter dotado de armas defensivas, como são as garras, o aguilhão, e, principalmente, a peçonha, vivem commumente escondidos nas tocas das arvores annosas, nas profundidades das cavernas, debaixo dos penedos, ou nas fendas mais occultas das rochas. Tambem procuram escondrijos nos edificios arruinados, e nos paizes onde mais abundam não é raro encontral-os no interior das proprias casas, em logares escuros. Não se entenda, porém, que aborrecem a luz a ponto de não a supportarem. Andam de dia em procura de alimento, mas preferem para esse effeito o crepusculo da manhã, e ainda mais o da tarde; isto nas regiões tropicaes, pois que na Europa não temem tanto a luz e ardor do sol.

Correm com alguma ligeireza, levantando e arqueando a cauda sobre o dorso para que ella lhes não impeça a carreira.

Os escorpiões da Europa não excedem em comprimento a dois ou tres centimetros, em quanto na Africa, na India e na America tem de doze a quinze centimetros. Conhecem-se várias especies, que variam no tamanho e na côr. As da Europa são de côr parda ou esverdinhada. Em Portugal são mais raros do que se presume, pois que muita gente toma por escorpião ou lacrau diversas especies de grandes larvas de borboletas, eriçadas como de espinhos, e de côres vivas.

A picada do escorpião produz dores mais ou menos agudas, e é muito perigosa nos paizes quentes, não tanto pela picada em si, como pelo veneno ou peçonha que no acto d'ella o animal derrama na ferida por meio de dois orificios que tem na extremidade da cauda, junto ao ferrão. Consiste o veneno em certo liquido, cuja secrecção é feita por um apparelho particular, e que o animal expelle quando quer. Em o nosso paiz, sem embargo de tudo quanto se diz em contrario, raras vezes é perigosa aquella picada, ou seja por a peçonha ter menos acção em razão do clima, ou por não ser tão peçonhenta a especie que vive em nossos campos. Não deixa, todavia, de causar grandes incommodos, que demandam o soccorro da medicina. São muito proveitosos em taes casos os sudorificos, que geralmente se empregam contra as mordeduras das serpentes.

A especie, cujo desenho publicámos em gravura, é natural da Guyana, e das maiores que se conhecem. Tem a côr rubro-acinzentada. A sua picada poucas vezes causa a morte, excepto se o individuo ferido desprezou completamente a cura. Produz, comtudo, grave padecimento e grande desordem na economia animal. Á inflammação, que instantaneamente se desenvolve, succedem-se com rapidez a febre e accidentes espasmodicos. Costuma-se então empregar com bom resultado o ammoniaco liquido *(alcali volatil)*, tomado

interiormente em dóse de algumas gotas em um copo de agua com assucar, e externamente instillado na ferida para neutralisar ou destruir a acção do veneno. As cauterisações tambem são proficuas.

A antiga medicina fazia entrar o escorpião na composição de alguns dos seus medicamentos. Frigiam-se os escorpiões em azeite, a que depois davam o nome de *oleo de escorpião*, e empregavam-n'o contra as doenças das vias urinarias, contra as affecções malignas, a paralysia, a epilepsia, etc.

Dizem que, se se fizer um circulo de fogo em volta de um escorpião, este, vendo que não póde salvar-se, prefere o suicidio á morte nas chammas, e mata-se com o seu proprio ferrão. Se é verdadeira esta noticia, que muitos viajantes confirmam, o escorpião é o unico animal d'entre os irracionaes que recorre ao suicidio nos casos desesperados da vida.

Dentro dos navios que frequentam os portos da Guyana e outros das regiões tropicaes, encontram-se muitas vezes, quando não ha vigilancia, estes hospedes importunos, que vão para bordo escondidos nas madeiras embarcadas com destino para queimar, ou para construcção e marcenaria.

I. DE VILHENA BARBOSA.

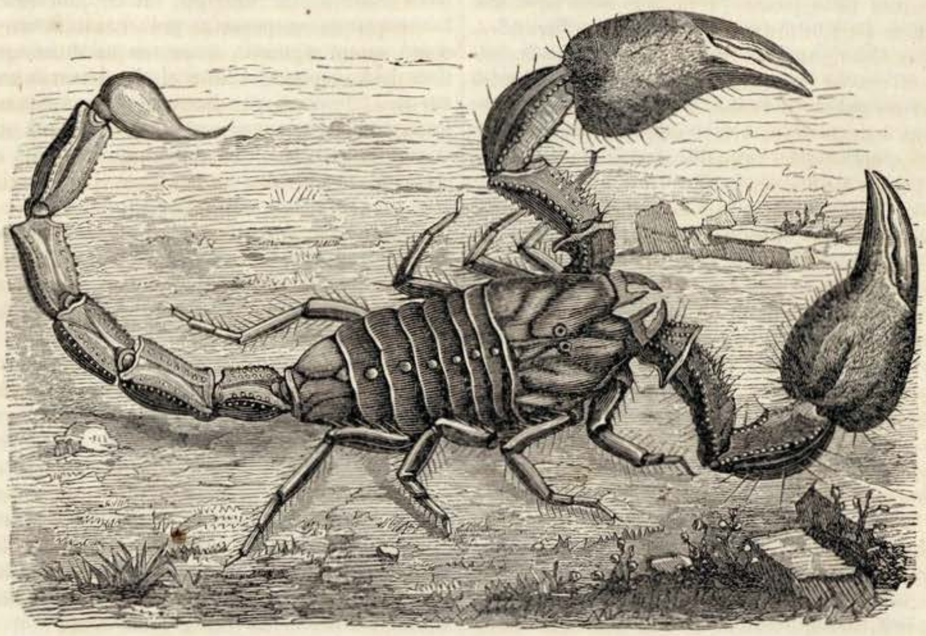
---

## UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 302)

### VI

Levantei-me cedo no outro dia; durante a noite mal podéra conciliar o somno. Preparei-me para a visita de Pedro, disposto a luctar contra essa fatalidade que o impellia desastrosamente. Sentára-me á mesa e fo-



Escorpião da Guyana

lheava o meu predilecto Boccaccio; queria abonançar o espirito. Boccaccio é o melhor de todos os anodynos. D'aquellas paginas galhofeiras transpira não sei que fresquidão deliciosa. É travêsso, é erotico, é esbagaxado no dizer, desceremonioso no conceito, lascivo na descripção, perigoso para compleições nervosas? Talvez seja; mas o que n'um dia de engulhoso tedio percorre aquellas varzeas, onde o matiz é tão luzente e o cheiro tão acre, sente coar-se-lhe n'alma um jubilo, um bem-estar ineffavel. Por isso eu folheava Boccaccio, o pae de todos os narradores.

Isto eram onze horas; principiava a ler *Griselidis* quando me bateram á porta. Senti o sangue affluir-me ao coração, e um calefrio descer-me ao longo da medulla. Que tinha eu com as desventuras alheias? que havia commum entre mim e Pedro? para que lançar-me no caminho onde o seu carro de triumpho passeiava enramado, forcejando por lhe travar as rodas com o meu corpo? Sacrificio inutil. Um vago presentimento me desalentava, e ao mesmo tempo uma luz suave, como a do olhar de Julia, me parecia reanimar. Poderia eu esquivar-me ao desenlace d'aquelle drama? Não, de certo. Curvei a cabeça ao destino e fui abrir a porta.

Era, de feito, Pedro. Vinha reflexivo e grave, e uns longes de tristeza lhe ensombravam o rosto, enrugando-lhe a fronte. Apertou-me a mão sem me dizer palavra, sentou-se commigo, e assim ficou por alguns momentos absorto. Quando saíu do torpor ergueu a vista lentamente, e correndo a mão pelos cabellos, como para afugentar as ultimas nuvens, principiou a dizer-me:

— Sabe no que eu pensava? No ultimo dia em que estive n'este quarto. Lembra-se? Era tambem de manhã, e o ceo estava azul como agora... Que mudanças em tão curto tempo!... Por que será a vida uma penna? por que hão de ser as paixões uma borrasca desfeita?... O futuro é monstruoso. Sentâmo-nos, como o peregrino, á beira da estrada, phantasiando prados que ao diante nos esperam, manhãs que hão de arraiar em breve, gorgeios que acordarão os bosques, claridades que tem de alagar tudo, e de repente o ceo tolda-se e a escuridão circunda-nos. Adormecemos na esperança e acordâmos no desengano... é triste.

Calou-se um momento como para coordenar as idéas, e continuou dizendo:

— Sabe a que alludo, comprehende-me? Hontem bem vi que lhe não eram estranhos os acontecimentos; que se lhes ha de fazer?... Confessar-me-hei, meu amigo; conheço-lhe o caracter para poder vacillar em tal confidencia. Disse-me hontem que cria no dever: tambem eu creio n'elle sobre tudo. Mas o que

é o dever?... quem me distingue o justo do injusto?... Ha nebulosidades medonhas. Entra-se no mundo com o coração ainda virgem e intacto; subitamente vemol-o nortear-se e tender para um lado. O amor é uma attracção; aproximâmo-nos e confundimo-nos. As almas cheias de affectos são como as nuvens carregadas; abraçam-se em relampagos, em fogos esplendidos, em conflagrações sublimes, senão quando a rajada sopra, desparte-as, e leva-as pela immensidade fóra, revoltas e ennoveladas. Quem póde accusar a nuvem? quem póde condemnar-me agora?

O suor transsudava-lhe da fronte e os olhos illuminavam-se-lhe. Eu não ousava interrompel-o sem que esse tropel de idéas lhe serenasse.

— É um conto muito simples, proseguiu elle; diz-se em poucas palavras... Ahi tem mais uma observação curiosa: das coisas tenues resurtem consequencias illimitadas. Cae o pomo da arvore, que importa? Newton decreta para os astros; relanceia-se por acaso a vista, que tem isso? o presente annulla-se e o futuro aborta. Em cada passo que damos semeia-se um acontecimento. De que faremos ao diante colheita?... Deus sabe!... Olhe, imagine que um dia, ha dois mezes, tinha eu saído de casa, com o espirito risonho e o peito desassombrado. Deixára Julia ao piano, deralhe um beijo á despedida, e esse beijo era ainda puro e affectuoso como tantos que lhe havia dado, como tantos que pensava dar-lhe. Lembrei-me de visitar um amigo... que ha n'isto de perigoso? Por que não iria a outra parte? Quando me dispunha a retirar-me, fallou-me elle de sua irmã que viera da provincia, sua irmã que eu conhecêra solteira, e que voltava viuva aos vinte e dois annos. Quiz de força apresentar-me, observei-lhe que poderia incommodal-a, insistiu. Momentos depois a porta do gabinete abriu-se, e eu apertava a mão de Irene.

N'este ponto tirou do bolso um charuto, accendeu-o distrahido, e poz-se a olhar para o fumo que subia em espiraes azuladas. Estivemos assim algum tempo; elle perdido nas suas cogitações, eu contemplando aquelle rosto que mezes antes víra resplandecer de jubilo, e que se curvava agora ao peso da fatalidade e do remorso. Pedro continuou:

— Ha no olhar da mulher uma certa dóse de fascinação diabolica, asseguro-lh'o. Se alguma o fitar dois minutos, cubra a cabeça e fuja, isto é se a respeita; olhe que no terceiro minuto está um despenhadeiro; quem se lhe chega resvala.

— Foi o que lhe succedeu?

— Exactamente. N'esse dia, ao tornar a casa, sentia-me preoccupado, e o pensamento parecia querer fixar-se n'um ponto, ainda incerto e indefinido. Quando Julia, abraçando-me, me perguntou o que tinha, lembrou-me que já era indigno dos seus braços.

— E voltou no dia seguinte?

— Voltei. O ferro entrára fundo; quanto mais quizesse fugir-lhe, tanto mais se me encravaria no lado.

— Fraqueza criminosa. Diga antes que julgou innocente o galanteio, até que, a final, se sentiu preso. Pensou em dissipar a tentação, e perguntou a si mesmo: Que mal existe n'um sorriso e n'um olhar? A consciencia respondeu-lhe mais tarde, confesse.

— Não, bem vê que seria inutil desculpar-me. Que vim eu fazer a sua casa? por que vim? quem me obriga a mentir quando me posso calar? Vim porque buscava um amigo, estou aqui porque preciso dar largas ao coração. Julia queixou-se hontem, não é verdade?... Pobre criança!... que hei de eu fazer que possa?... Não me defendo, não me justifico, lamento-me apenas. Ella padece, eu soffro; ella chora quando me vê indifferente, eu confranjo-me quando a vejo chorar.. Quizera pedir-lhe perdão de joelhos, como se pede a uma santa; mas não posso apertal-a ao peito, como se abraça uma mulher.

— Chama-se a isso o tedio.

— Chama-se a fatalidade.

— Fatalidade que d'aqui a seis mezes se repetirá, de certo; destino que se tornará periodico.

— Por que o affirma?

— Não o affirmo, suspeito-o.

— Engana-se. Quando se acha na terra a mulher para que fomos creados, ha uma certa plenitude de gozo que desvaira. Nunca o tinha sabido; começo hoje a experimental-o.

— Que pensa então fazer? como quer resolver o problema da sua vida?

— Procurei-o para isso; bem via que tudo mais era impossivel. O senhor tem o olhar desannuviado, eu tenho o meu cançado e turvo. Veja, por onde me diz que caminhe? quando se chega a este extremo para que lado se toma?

E dizia isto estendendo a mão, como o cego que procura o guia que tem de dirigir-lhe os passos.

Conservei-me por algum tempo perplexo; não atinava com o que fazer em tal conjunctura. Levantei-me e puz-me a passeiar pela casa. Pedro olhava-me como quem aguarda a sentença. A imagem da mulher desvanecêra-se-lhe n'alma; haveria meio de avivar-lh'a! Impossivel, dissera elle; e eu tambem o cria impossivel. Ha ventos que assolam uma campina inteira, ha paixões que derrubam os mais castos sanctuarios. O que é o amor? É a vida, dizem os poetas nos seus alevantamentos imaginosos, nos seus lyrismos effusivos. A vida, sim, não mentem os eleitos de Deus; mas a vida em que nos falla o genio da tribuna, vida que é uma lampada; vidro que um sôpro faz, luz que outro sôpro mata. Quem poderia reconduzir o profugo? Estaquei de repente.

— Ha um caminho só, Pedro; é aspero ao que o segue, mas é digno. Sua mulher entrevê o que se passa na sua alma; conhece-se repudiada, e pergunta o que fez para merecer o desprezo que fere, a indifferença que avilta. Confesse-lhe tudo, dê-lhe o ultimo beijo... bem sabe que os peccadores podem beijar a fronte casta dos anjos; diga-lhe que lhe perdoe o que é fatalidade... sim, fatalidade talvez. Ella chorará muito, muito, e ha de perdoar-lhe. Que succederá depois?... As miserias moraes que começam pelo desalento acham o seu refugio na cova.

— Entendo, murmurou elle pausadamente.

— Que admira? É-lhe impossivel agarrar na martyr que fez, partir com ella, fugir ao resvaladeiro, deixar sangrar o coração, purificar-se pelo nobre heroismo? Pois fique. É fraco para resistir á tentação?... pois seja ella forte para resistir ao martyrio. Viva, Pedro, viva, e deixe-se ir sobre esse leito de espuma que a fatalidade lhe arremessou com as suas ondas!

Elle não me ouvia já; tinha a cabeça entre as mãos, e os cotovellos fincados nos joelhos. Tudo o que era amargo e pungente nas minhas palavras mal podia travar n'aquelles labios azedados por tanto fel revolto. Toquei-lhe no hombro, e disse-lhe n'um tom de voz mais amigavel:

— Vamos, Pedro, não se deixe vergar tão cêdo. Magoei-o talvez?... veja como o soffrimento custa! Nunca teve sonhos cujo acordar é doloroso? Que se lhes ha de fazer? Deixemol-os voar, e acordemos.

— Não posso; sinto aqui dentro uma coisa terrivel e mysteriosa, um poder que não fraqueja, uma voz que não emmudece... chame-lhe o que quizer, muito embora. Sou um miseravel, pensa?... Não me irrito. Quando o deslumbramento da paixão nos accommette, fazemo-nos cynicos. «Bate, mas ouve», dizia o grego embebido na sua gloria; condemnem-me, mas deixem-me, direi eu embebido no meu amor. Que me importa o resto? Ha degradações sublimes! Comprehende-me, de certo. O que é o homem? o que é a honra?... Ha pasmosas revoluções no espirito! D'antes

punha-me sósinho a philosophar commigo mesmo, e tinha vontade de enxugar as lagrimas a toda essa humanidade que chora; compaixão ridicula, commiseração de criança! Atacára-me a estulticia da cruz. Agora oiço soluçar um anjo, e não posso collar-lhe os labios n'um beijo; quero evitar o sorvedoiro, e arrojo-me de salto. Paciencia. Já vejo que não chegaremos a conclusão alguma. Que tem isso?... Eu caminho, o meu amigo fica; a sorte impelle-me, e eu não resisto. Resistir?... para quê!... Já viu alguem fazer fincapé contra os morros que se despenham?... Loucura. Olhe bem para mim, não vê que tenho embranquecido? Não são os annos que nos envelhecem, creia. Tinha muito para lhe dizer, mas não o convenço, nem me asserena. Ha tempestades latentes... deixal-as. Quando Deus quizer, que rebentem.

Era inutil combater aquella paixão obstinada. Julia tinha de assistir ao desabamento do seu mundo, até ficar sepultada entre as ruinas.

— Sáio, disse-me Pedro levantando-se. Não lhe quero menos pelo que me disse; vejo que é um verdadeiro amigo. Não conseguiu vencer o impossivel; que prova? Eu não sou admirador do exito. Conte estas coisas a Julia; por mim não tenho animo, não posso. Ah! meu amigo, meu amigo, continuou elle tomando um ar de seriedade lamentosa; amor que nasce entre remorsos, é bem fatal e bem negro. Sinto-o. A embriaguez não me turba... ha compleições d'esta ordem. Sei que é veneno, e bebo com a avidez da febre; cheguei a tocar a voluptuosidade do soffrimento. Sabe que ha dores voluptuosas?... Adeus. Havemos de nos encontrar mais vezes, e... quem sabe? ha tantos casos imprevistos!... quem sabe se o dia de ámanhã será de espinhos ou de rosas!

Apertou-me a mão e saiu; eu vi-o partir sem lhe dizer palavra.

No outro dia soube que se despedíra de Julia, annunciando-lhe uma pequena digressão á Beira. Partiria elle para não voltar? seria aquillo um divorcio? A primeira vez que visitei Julia achei-a no parecer mais resignada e serena; estranhei-lhe porém a frieza do olhar e o abatimento da face. Estava como os que já perderam a esperança de tudo, e que cruzam as mãos no peito á espera do derradeiro golpe.

— Sabe que partiram? disse-me ella ao entrar; agora é feliz. Vão passar na provincia estes primeiros dias de noivos, e depois irão para mais longe, para França, para Italia, para todos esses paizes onde elle promettêra levar-me. Vou começando a resignar-me. Veja como lhe fallo, veja; até sorrio outra vez.

— Vejo que soffre, minha senhora; para que ha de contrafazer-se? Ha n'este mundo amarguras para que só as lagrimas são balsamo; chore.

— Sim, chorarei, disse-me ella levantando-se, e com o rosto esbraseado por uma vermelhidão subita; chorarei, que não posso reprimir aqui dentro esta ancia que me devora. Mas por que não ha de elle arrepender-se? por que não sentirá o que eu sinto? Passa-me ás vezes isto pela cabeça, e envergonho-me de mim propria. Era uma villeza, talvez uma abominação, eu sei... a vingança amarga. Demais... não, não, continuou comprimindo o seio, seria uma deshonra, e eu ainda lhe quero muito.

Minutos depois voltou-se para mim, e com um gesto de ineffavel tristeza perguntou-me:

— Conhece-a?

— Não, minha senhora.

— Como ha de ser formosa! Creio que tem a minha edade e outros encantos que eu não tive: conhece o mundo, e ha de saber captival-o; queira Deus que o ame. É viuva, não é?

— Viuva.

— E chama-se...

— Irene.

— Lindo nome; disse-lh'o Pedro?... Como elle lh'o diria com a doçura na voz e o contentamento na alma!... Ah! quanto é bom amar... mas quanto é melhor ser amada! Não sabe? proseguiu ella com um sorriso esmorecido; hontem, quando ia deitar-me, lembrei-me do meu piano solitario, e tive dó de o ver desamparado e mudo. Sentei-me a tocar; estava só; as faces inundavam-se-me de chôro, e o teclado parecia soluçar commigo. Os dedos corriam á toa, mas a saudade encaminhava-os. Era a *Somnambula*, o primeiro canto que elle me ouvíra, e entre cujas melodias os nossos olhos se encontraram. Estive assim muito tempo, fóra d'este mundo, perdida em mil recordações melancolicas. O luar entrava pelas vidraças e vinha cair-me aos pés; nem um soido me interrompia, nem um receio me perturbava. Sentia-me engolphar n'uma tristeza immensa, mas consoladora e suave. Oh! se eu podesse ter sempre horas como aquellas, então a vida fugir-me-hia n'um halito. Pensa que eu viverei muito? não m'o diga, não, que eu bem vejo as folhas que caem.

As horas correram n'um colloquio angustioso até que eu entendi ser dever meu retirar-me. A maledicencia de soalheiro poderia mesmo babar a peçonha de um pensamento ruim sobre o cristal d'aquella vida, sobre a pureza d'aquella alma.

— Não deixe de vir fazer-me companhia algumas vezes, disse-me ella ao despedir-se; Pedro ha de certamente agradecer-lh'o. Não tema importunar-me; sou eu que o importunarei muito. Além d'isso, quando o vejo lembra-me tanta coisa agradavel... desculpe-me, e eu preciso d'estas recordações que alentam, d'estas memorias do passado.

(Continúa) E. A. VIDAL.

---

## OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

### KEPLER

(Vid. pag. 294)

VII

Florescia então um grande astronomo pratico, o primeiro homem que fez da observação continuada dos astros um mister scientifico de alta valia. Era Tycho Brahe. Esbocemos em poucas palavras a figura esculptural d'este varão illustre.

Tycho, sabio dinamarquez, fidalgo de antiga linhagem, opulento, formoso e dotado de todas as qualidades necessarias para enlevar uma corte, ainda mais sumptuosa do que a de Copenhague, logo em verdes annos mostrou singular pendor para os estudos astronomicos, por grande que fosse a reluctancia da sua familia, que não queria deslustrar a antiga prosapia com a mácula indelevel de contar um sabio em tão famosa estirpe.

Venceu, porém, a propensão do mancebo todos os obstaculos domesticos, e, chegado que foi aos dezeseis annos, quando a aurora da vida se lhe ostentava tão cheia de doiradas illusões, tudo deixou, patria, amigos, prazeres e faustos, e começou de correr por essa Europa, que então acordava do longo e comatoso lethargo em que jazeu chumbada ás barbacãs dos castellos feudaes e ás portarias dos mosteiros.

Rezam as chronicas do tempo, que Tycho não foi sempre modêlo e exemplo de compostura e pureza de principios, antes parece que, apesar dos trabalhos a que se entregava com affinco e pertinacia, algumas horas se lhe iam em requebros e blandicias ás formosas, astros fugazes que lhe faziam esquecer os astros do ceo.

Comprehendeu Tycho, mal pôde erigir um observatorio astronomico e um laboratorio chimico (coisas que sempre andavam juntas, em virtude dos sonha-

dos parentescos entre os astros e os metaes), graças á munificencia e desprendimento de animo de Jorge Brahe, seu tio e protector, comprehendeu Tycho que a philosophia natural não póde caminhar sem se estribar em muitas e repetidas observações, por isso que na natureza são ás vezes maximas as circunstancias que se afiguram minimas.

Regorgitando de nobilissimos ardores, Tycho, no fogo da mocidade, cercado de protecções e riquezas, entranhou-se no seu observatorio, ousou atacar frente a frente a philosophia de Aristoteles, a proposito de uma estrella que apparecêra subito e subito se esvaecêra. Dezoito mezes se encerrou a interrogar os ceos, mediu parallaxes, calculou distancias, enbrenhou-se em especulações mystico-philosophicas, e vencido a final o obstaculo que a nobreza do seu nome lhe oppunha, publicou o resultado de tanto trabalho, sob os auspicios de Pedro Oxonius, seu parente e chanceller da coroa.

Subiu de ponto a reputação do moço astronomo; todos admiravam a profundeza do seu raciocinio e a largueza dos seus conhecimentos. O rei da Dinamarca, vencido pelo clamor geral, obtemperou então (1574) ao pedido dos estudantes universitarios, e pediu a Tycho que abrisse umas conferencias astronomicas, que se tornaram notaveis não só pela muita erudição do professor, senão tambem pelo empenho d'elle em defender a astrologia com argucias de argumentação e inducções curiosissimas. Pouco tempo depois o rei Frederico mandou construir um rico e esplendido observatorio na ilha de Hueno, situada no Baltico, formosa perola saída do mar, toda verdores e galas. Foi ahi, n'essa formosa concha beijada pela onda amorosa, que se assentou a realeza do talento. Tycho, verdadeiro fidalgo, generoso e opulento, vivendo sumptuosamente no seu castello, que chamou Uraniburgo, cercou-se de bons observadores, assestou os seus instrumentos, fundou uma vasta imprensa, e construiu largos laboratorios de chimica. Ardente, communicativo, fanatico, labaro vivo da sciencia, estandarte em volta do qual se agrupavam os que sentiam o sacro fogo, desprezando os prazeres da côrte, todo entregue ao engrandecimento da astronomia, ao passo que exercia a sua realeza incontestavel nos que mais se lhe acercavam, repartia por todo o mundo as riquezas que conquistava dos astros, os quaes, segundo elle dizia, não eram senão um giganteo relogio.

N'essa epocha verdadeiramente esplendida, periodo de gloria e rejuvenescimento em que as grandes idéas encontravam echo profundo nas sociedades, abaladas por um immenso elaborar intimo, Tycho determinou-se a reformar a astronomia desde os fundamentos. Começou por fixar com vigor a posição dos circulos fundamentaes, medindo a altura do polo sobre o horisonte, operação em que empregou dois methodos. Como encontrasse, porém, sempre uma differença de quatro minutos, a qual, apesar dos aperfeiçoamentos successivos dos instrumentos, não diminuia, Tycho viu que a causa d'ella era a refracção. Foi este talvez o maior serviço que o astronomo scandinavo prestou á sciencia, mostrando não só uma causa do erro, a que o proprio Copernico não havia attendido, senão tambem inventando o meio de obviar o inconveniente de tanta monta, fazendo umas taboas de refracção, que ainda hoje, aperfeiçoadas constantemente, não differem da contextura.

Era tal a reputação de Tycho, que os conegos de Frauenbourg lhe enviaram as toscas régoas graduadas a tinta pela propria mão de Copernico, por quanto nenhum outro homem havia digno de taes reliquias [1].

[1] A proposito d'estas régoas, compoz Tycho um soneto em latim, cuja primeira quadra se póde traduzir do seguinte modo: «Poisando montanhas sobre montanhas, não poderam gigantes escalar os ceos. Confiado nas forças do teu espirito, ó grande Copernico, guiado por estes ligeiros gravetos, soubeste penetrar a abobada celeste».

Tycho Brahe, com respeitar muito o afamado conego de Frauenbourg, não admittiu o systema d'elle, e fundando-se em razões mecanicas, que Galileu invalidou e pulverisou, quando inventou a dynamica, quiz em vão combinar a theoria de Ptolomeu com a de Copernico, formando um systema hybrido e absurdo.

Proseguindo nos seus trabalhos, determinando o diametro apparente das estrellas, e illustrando o seu nome com successivas descobertas, a todas as quaes sobreleva a da variação da lua, amontoando factos sobre factos, observações sobre observações, notando todas as circunstancias, aperfeiçoando os instrumentos, inventando outros, Tycho bem-mereceu da sciencia, com quanto odios mesquinhos o perseguissem ás escondidas, até surgirem depois da morte de Frederico V. Fidalgo e orgulhoso, talvez mais da sua estirpe do que da sua sciencia, Tycho abandonou a sua querida Uraniburgo, e, como o philosopho grego, trouxe comsigo as suas riquezas.

Acolheu-o o seu parente duque de Rautzan, governador do Holstein, e o imperador Rodolpho construiu um observatorio em Praga. Foi ahi que Kepler se uniu a Tycho — o genio da invenção ao genio da observação. Fanaticos ambos, ambos astronomos consummados, a união d'estes dois elementos produziu uma revolução na sciencia.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

## ORIGEM DAS PROCISSÕES

As procissões são umas solemnidades que o clero catholico verifica em certas epochas ou em determinadas occasiões, quer no interior, quer no exterior dos templos.

Faziam parte dos ritos da antiguidade. Encontram-se entre os gregos, como entre os romanos. As marchas triumphaes que acompanharam a estatua de Diana a Sparta e a de Minerva a Athenas não eram outra coisa.

Os judeus parece, todavia, que não conheceram similhante uso. A arca santa foi, com effeito, levada processionalmente em torno dos muros de Jerichó; foi depois trazida do mesmo modo de entre os philisteus para a casa de Obededão, e d'ahi para o tabernaculo, onde David a levou dançando, e onde ficou depositada até que Salomão a mandou saír em triumpho para a collocar no templo; mas tudo isso aconteceu accidentalmente. As procissões annuaes não foram, portanto, prescriptas por Moysés.

Estas praticas introduziram-se no christianismo, segundo uns, no tempo de Santo Ambrosio, isto é, reinando Theodosio (379-395); e, segundo outros, no tempo de Constantino (312).

As procissões do domingo foram instituidas em 530 pelo papa Santo Agapito, e a de S. Marcos em 590 pelo santo padre Gregorio o Grande, por occasião da peste que então devastava Roma. Mudando de intuito, estas ultimas foram conservadas com o mesmo fim que as de *preces*.

É ao alludido papa S. Gregorio que se deve tambem a procissão dos *Ramos* e a das *Candeias*: a primeira em commemoração da gloriosa entrada de Jesu-Christo em Jerusalem, e a segunda em memoria da purificação da Virgem Immaculada.

A procissão do Santissimo Sacramento foi fundada no começo do seculo XIV pelo santo padre João XXII [1].

Depois d'estas procissões annuaes e communs ao orbe catholico, ha as que são particulares ás diversas egrejas, já tendo por fim festejar um santo padroeiro, já tendo por intuito solemnisar um acontecimento local.

B. A.

[1] A respeito da procissão do Corpo de Deus em Lisboa, vejam-se os numeros 14 e 15 do vol. III do *Archivo*.